

RelevO

novembro/2020, n. 3, a. 11

- Periódico literário independente
- feito em Curitiba-PR desde set/2010
- ISSN 2525-2704



Assine/Anuncie: O RelevO

não aceita dinheiro público e se mantém com o apoio de assinantes e anunciantes. Você pode receber o jornal em casa e divulgar sua marca, projeto cultural ou seita de caráter duvidoso aqui mesmo! Saiba mais em jornalrelevO.com/assine e jornalrelevO.com/anuncie ou fale conosco no contato@jornalrelevO.com.

Publique: O RelevO recebe textos de todos os gêneros, de trechos de romances sobre domos invisíveis a artigos de escritores que gostam, sobretudo, de si mesmos. O RelevO recebe ilustrações. O RelevO recebe fotografias. O RelevO aceita ensaios acadêmicos. Também cartuns, HQs, receitas, bulas, resenhas e ameaças. Saiba mais em jornalrelevO.com/publique.

Newsletter: Bowie, assassinatos, Renascimento e animais pitorescos: nossa newsletter se chama Enclave e vai muito além da literatura. Comprove e assine (de graça) em jornalrelevO.com/enclave.

A capa desta edição é de autoria de Gabriel Siqueira. Você pode conferir mais do trabalho dele em www.instagram.com/galsouzaaa.

As ilustrações desta edição são de autoria de Juscelino Neco. Você pode conferir mais do trabalho dele em www.facebook.com/juscelino.neco.

DOS CUSTOS DA VIDA

(+) RECEITA BRUTA

ASSINANTES:

R\$ 15 Matheus Zucato Robert; R\$ 30 Léa Yasnaya; R\$ 50 Aliedson Lima; Francisco José Ramires; Katna Baran; Debora Laurito; Nathália Fernandes; Eduardo Pereira de Souza; R\$ 57 Larissa Ribeiro; Joabe Nunes; Daniel Dereveck; Sandra Modesto; Nilton Lima; Cristóvam José Souza Henriques de Araújo; R\$ 60 Lucas Perito; Taisa Hembecker; Renata Kelen da Rocha; Guilherme Amisterdan; André Mellagi; Andréia Gavita; Emerson Pugsley; Ana Paula Oliveira; Isabelle Rodrigues de Souza; Fernando Ferrone; Henrique Fendrich; Larissa Olsen; Evanilton Gonçalves Gois da Cruz; Adriano Esturilho; Rodrigo Madeira; Renata Silva Pinto; Mayara Yamanoe; Léo Rachid; Luizza Milczanowski; Flávio Sanso; Diego Vinas; Flávio Roberto Batista; Renan Machado; Laura Malaquias; Marli Voight; Gilberto Marques; Hari Krack; Alessandro Romio; Lucas Santin; Raísa Boing; Camile Triska; Fábio Cazé; Felipe Pauluk; Julia Raiz; Deborah Pink Perry; Melanie Mazur; Fernanda Frantz; Ademilson Filocreão Veiga; Luiza Rosiete Gondin Cavalcante; André Luís Sotoriva; Madalena Felinto; Rodolfo Mondoni; Maurício Simionato; André Balaio; Karoline Thatiane Biavatti; R\$ 75 Gabriella Fonseca; Maria Luiza Artese; Valquíria Trovão; Carlos do Nascimento; Naiane Ribeiro; Benilson Toniolo; André Paiva; R\$ 100 Bruno Meirinho; Henrique Santos; Tauane Fracarolli; Maris Stelmachuk; Fausto dos Santos; Luisa Burim; R\$ 120 Aline Letícia; Jessica Carvalho R\$ 130 Gabriel Mussiat R\$ 160 Morgana Rech; R\$ 180 Wanderson Batista dos Santos R\$ 195 Tamiris Volcan; R\$ 300 Aline Ruiz **TOTAL: R\$ 5.717**

ANUNCIANTES:

R\$ 30 O Alienígena; R\$ 50 Banca Tatuí; Livraria Pará.grafo; Fernando Detoni; R\$ 60 Oribe Editorial; R\$ 100 Editora Penalux; Editora Madrepérola; Estante Distópica; R\$ 120 Rômulo Cardoso; Solte o Verbo Línguas; Abuela Atelier de Plantas; R\$ 240 Flama Torras Especiais; R\$ 250 William Soares; R\$ 300 Allejo **TOTAL: R\$ 1690**

(-) CUSTOS FIXOS

Gráfica: R\$ 883
Escritório: R\$ 280
Entregadora: R\$ 60
Autores e ilustradores outubro: R\$ 440
Autores retroativo: R\$ 300
Editor-assistente: R\$ 300
Serviços editoriais: R\$ 400
Mídias sociais: R\$ 250
Diagramação: R\$ 100
Infografia: R\$ 120

(-) DESPESAS VARIÁVEIS

Transporte: R\$ 400
Correios: R\$ 1600
Conserto RelevOMóvel 2/4: R\$ 1.000

(-) DESPESAS ADMINISTRATIVAS

Domínio mensal: R\$ 30

(+) Entradas totais: R\$ 7.407

(-) Saídas totais: R\$ 7.383

(=) Resultado operacional: **R\$ 24**

Novembro/2020

Editor: Daniel Zanella
Editor-assistente: Mateus Ribeirete
Ombudsman: Sandro Moser
Revisão: Às Vezes
Projeto gráfico: André
Infografia: Bolívar Escobar
Advogado: Bruno Meirinho
OAB/PR 48.641
Impressão: Gráfica Exceuni
Tiragem: 3.000

Edição finalizada em 25 de outubro de 2020

CONSELHO EDITORIAL

Alexandre Guarnieri
Bruno Meirinho
Celso Martini
Cezar Tridapalli
Morgana Rech
Felipe Harmata
Jacqueline Carteri
Osny Tavares
Whisner Fraga

DOS LEITORES

MAIS DEZ?

Jerusa Grassmann Olá, Jornal. Boa noite. Recebi hoje, aqui na terra da garoa, as edições de agosto e de setembro do **RelevO**. Que alegria o jornal ter completado dez anos. Parabéns por manter esse periódico ante tantas adversidades e muito obrigada por presentear-nos mensalmente. Chego no fim da festa, com as cadeiras já postas sobre a mesa, mas não podia deixar de dar um abraço nesse jornal amigo. Até a próxima comemoração. Grande abraço. E que venham mais dez :)

CREDO

Lucas Silos Nossa, tô relendo umas edições anteriores do jornal. Tem cada crítica bizarra dos leitores... Credo. O cara xingando porque não teve texto aceito. Absurdo! Grande abraço.

BOA TARDE !!

Rosilene Gomes Boa tarde !! podes me dizer o que é o relevo??

Vinicius Tobias Curti muito as duas edições do **RelevO** que chegaram. Essa treta do Guga me deixou muito confuso, isso é mentira, né? É porque o Guga é garoto-propaganda da Red Bull ou não tem nada a ver? Aliás, achei a capa “promocional” uma merda, aí quando li a última página, achei genial, rachei demais da “prospectiva” linha do tempo. Respeito muito vocês por não ligarem em nada a assinatura às publicações, mas espero que assinar não atrapalhe nas avaliações, rs. Abraços e muita força na sua missão aí!

Jordana Machado Oi, Jornal Como que tão os caminhos? Faço votos que, apesar de todos os pesares, com toda a dose necessária de bóra e dale. Vamos seguir mais uma temporada juntos, sim. É uma honra. Meu amigo ficou muito contente com a assinatura que eu dei de presente. A assinatura do **RelevO** já virou primeira opção de presente na minha cabeça, só as pessoas para presentear é que são eclipses, demoram, mas uma hora chegam. Sobre questões operacionais, só gostaria de avisar que nesse ano que passou, não recebi as edições de abril,

julho e agosto. Não é uma reclamação, é só um aviso porque não sei se vocês fazem um levantamento desses casos e tal, então é mais pra somar aí com informações. Gosto muito de quando chegam emails do Jornal. Todos. Em específico aqueles em que a gente vê como vocês são atenciosos e sempre explicam tudinho as coisas pra gente, desde os problemas até as belezas. Saúdo fortemente que agora tá rolando uma grana pra quem publica, o sorriso que eu dei, muito simbólico, muito bom demais! No mais, no que eu for útil tô sempre aí pelas veredas. Fiquem firme. E doce.Vocês não estão só. Recebi hoje a edição de setembro. Já devorei porque tudo maravilhoso como sempre, sim. Meu nome entre os que passaram pelo jornal nestes 10 anos: não tenho roupa para este momento. Quem foi o vestibular perto desta lista? Desconheço. Há de vingar mais 10! Forte abraço!

Ivan Jesus Jr. Pra você que gosta da imprensa alternativa, o **RelevO** é um jornal (ainda impresso) feito aqui em Curitiba e que combina de forma original bom humor, leveza, profundidade e acima de tudo qualidade. Um serviço à literatura. Feliz 10 anos!Vida longa!

CHURRASQUEANDO NO ESCURO

Alecrides Jahne Então é um costume gaúcho fazer isso com as palavras? Um dia desses uma amiga escreveu "meteando" e eu fiquei: o que será que ela quer dizer com isso?

CAPA

Camila Assad Amei a capa do Caio Beltrão! Bati o olho e já saquei o traço! ♥

Hermes Veras Será que vou receber o jornal? Um grande mistério que merece ser aguardado.

Filipe Brito Que ilustração massa!

Diana Joucovski E essa capa maravilhosa aí?

Laura Elizia Haubert Que capa linda! ♥

Luizza Milczanowski Está lindo o jornal!

Phellip Willian Arte linda!

Katia Marchese Que bonito.

CHEGAMENTOS

Cristina Bresser Chegaram o **RelevO** e o *Rascunho* juntos! Obrigada, Daniel Zanella, pelos dez anos do jornal, por nos homenagear a todos os escritores que têm colaborado com seus textos no decorrer desses anos (alguns meus já foram alguns publicados) e por persistir e resistir, assim como o *Rascunho*.

Ana Amália Alves Um jornal independente. Sobre escritas independentes (leia-se livres de imposições duras ou moles). **RelevO**, eu te leio como uma andarilha em busca de um vão livre na cidade grande.

Benilson Toniolo No **RelevO** de março: Mariana Cardoso Morgana Rech Tamiris Volcean Lucila Nogueira Juliana Cândido Lilian Sais Eliane Potiguara A extraordinária literatura feminina brasileira ainda por descobrir. Força e vida longa.

Camila Felix Assino e indico pra todo mundo que converso sobre literatura e tal. Adoro e é sempre uma felicidade receber e ler ele. Parabéns pelo trabalho. Muita força e sucesso!

ENCLAVE

Maria Luiza Artese Hello **RelevO**. Para começar, eu já conhecia a prosapagnosia (seria isso mesmo? Acho que tenho uma dificuldade em reconhecer as letras dessa palavra. Leve impressão de erro porque uma prosa ali parece algo literário e não é do que se trata, mas corrija-me no seu coração), mas que atual pensar isso em tempos de máscara, não? Eu honestamente ando com dificuldade para reconhecer minha mãe nesses tempos, e um amigo com uma leve síndrome narcísica anda dizendo que todas as mulheres o estão encarando com muita ênfase. Fica o questionamento! Agora um assunto mais chato. Não sei se você já chegou a mandar algum novo exemplar para o

endereço que te mandei — sou bem paciente e espero tranquila porque sei que, para vocês, moro meio que onde Judas bateu as botas (eu não duvidaria, com o calor do inferno que faz aqui). Ok, é isso aí. Agora sim, abraços.

EDITORIAL

Ser rico, gostar de dinheiro público

São duas as formas mais convencionais de se desenvolver um projeto literário no Brasil. A primeira é a mais simples: ser rico. São inúmeras as vantagens. Um rico no Brasil pode ter uma revista literária sem preocupação com o fluxo de caixa. Um rico no Brasil pode criar uma editora de livros luxuosos e estimular a fetichização sem se preocupar com o alto custo do exemplar ou mesmo com a quebraadeira do setor livreiro. Um rico no Brasil pode dar dinheiro a algum projeto de jovem cujo maior mérito é ser amigo do rico ou ter trabalhado com o rico – assim se cria em pouco tempo um novo festival, afinal é preciso investir em diversidade, dar voz a quem está à margem. No Brasil, muitos dos que estão à margem reclamam de não estar ao meio, de sentar com os consagrados. E os ricos, por aqui, caem pra cima.

A segunda maneira de desenvolver um projeto literário no Brasil é gostar de dinheiro público. Um admirador do dinheiro público pode se concentrar em entender editais e ter toda a papelada já separada, pois sabemos que não papel é essencial. Um admirador de dinheiro público precisa frequentar as festas certas, ser visto, contar de seus feitos, convencer que o seu sacerdócio é fundamental para a existência da literatura no país. Geralmente, um operador do meio literário que se interessa por dinheiro público não remunera ninguém do seu projeto literário: sempre investe na importância do espaço, da divulgação, reforça o caráter ecumênico de sua iniciativa. Assim, quando o dinheiro público entrar, entrará limpo e ficará mais fácil construir patrimônio, o reconhecimento final do “desprendimento” e do “espírito sacerdotal”.

O **RelevO** é um impresso mensal de literatura editado por um grupo de não ricos.

O **RelevO** nunca teve um centavo de dinheiro público em suas páginas e nenhum funcionário público em seu corpo editorial – sejam concursados, sejam amigos das pessoas certas.

Vivemos de anunciantes, que não interferem em nossa linha editorial. Vivemos, sobretudo, de assinantes, que, com o valor da anuidade, custeiam nossas despesas, pagam nossos escritores e escritoras, seguram as nossas dívidas com a gráfica e com os Correios.

2020 tem sido um ano desafiador para quem não é rico no meio literário e não sobrevive à base de dinheiro público. Já sentíamos os efeitos do cenário econômico brasileiro antes da pandemia. Então, veio a quarentena e os efeitos diretos da crise sanitária. Diminuiu o nosso número de assinantes, mas o que estão conosco contribuem mais neste momento. Temos os melhores assinantes segundo o nosso instituto de pesquisa, que avaliou os nossos assinantes somente.

Apesar de tudo, seguimos publicando e circulando, continuamos não sendo ricos e não nos envolvendo com fontes de financiamento público. Podemos até nos despedir sem nem uma última pessoa para apagar a luz por falta de pagamento, mas deixaremos ao menos um diminuto legado de que é possível publicar por dez anos sem ficar passando o chapéu para os mesmos padrinhos habituais.

Uma boa leitura a todos.



Cadastre-se e leia grátis dois contos do livro *Teslapunk*.

FICÇÃO INTELIGENTE

Livros criativos especialmente selecionados para quem gosta de ficção científica

<https://livro.editoramadreperola.com/ficcao-inteligente>



 **canalsonoro**

 **canalsonoro**

Parabéns, **Jornal RelevO**, pelo bom humor e pelos dez anos de relevantes serviços prestados à literatura.

QUE VENHAM MAIS DEZ!

E que possamos continuar juntos, desde que vocês relevem nossos clichês e trocadilhos de aniversário.

www.editoraampearelo.com.br



OMBUDSMAN

SANDRO MOSER

Só dói quando eu rio

Uma das prerrogativas da minha função neste **RelevO** é ler todas as letras publicadas em suas 24 páginas de papel-jornal. Uma espécie de tara, manifesta na infância, me faz começar sempre pela última. A edição de outubro, portanto, “abre” com o lindo rondó de Paulo Cesar Pinheiro, musicado por Breno Ruiz. Já vale o ingresso. E me lembrou de um episódio com o poeta há algumas encarnações.

No fervor dos vinte anos, esperando a hora de embarcar em algum dos grandes aeroportos do país, avistei o PCP. Na época, sua música fazia a minha cabeça — e confesso que ainda hoje faz. Com a coragem do tigre moço (e bêbado), anunciei-lhe, grave: “Poeta, estou indo a Cuba me integrar à revolução”. Ele entrou na brincadeira e respondeu: “Vá, mas volte. Pois o Brasil ainda está por fazer”.

Desde então, este sentimento me persegue. De que tudo ainda está por fazer e a gente nem começou. Como quando a mudança desce da Kombi. Seria a hora de descansar, mas ainda é o momento do trabalho pesado. Enfim, só o jornal de papel proporciona estes momentos proustianos. O fato de o **RelevO** seguir de pé, depois do tiroteio de agosto e setembro, é sinal que algo está sendo feito. Mas vamos lá!

Um leitor (Luiz Cláudio Lins) reclama da qualidade do projeto gráfico, demasiado amadora para seu gosto. Concordo em partes. Em algumas momentos, a diagramação é brilhante. Em outros, claramente apressada e desleixada. Imagino que colaboradores amorais como eu, que retardam o fechamento da edição até o último segundo, sejam uma das causas. De resto, o caos não me incomoda, mas entendo o desconforto do leitor.

Na página 6, há um oportuno perfil do grande Adão Iturrusgaray ilustrado por seu genial material. Ótimo gancho com a questão do Abaporu. Texto bem feito, nas regras da arte. Faz sentido a presença de um humorista de escol, pois notei que o periódico está cada vez mais aberto ao humor. Vocês também flagraram esta “pasquinização”? Ou sempre foi assim e eu que ando meio desatento?

Mesmo que na última linha do editorial o jornal diga que “está difícil rir de 2020”, com a paciência do corno contei quase 30% da edição ocupada com textos satíricos. Não é pouca coisa em um jornal que, até onde me lembro, se orgulhava de seus ensaios literários e de publicar ficção e poesia.

Quem sabe, nossos editores estejam usando a lógica invertida do grande Nelson Sargento que diz que o “samba é triste para que a gente não seja”. De resto, são merecidos os elogios dos leitores à Enclave, que está redondíssima. Me despeço dizendo que vale a pena procurar o material do Algum Lucas na internet e que queria ler mais poemas lúbricos de Jess Carvalho.

APOIADORES





Quer café fresco, na sua casa, a cada quinzena?

Confira nossa assinatura de torras.

@flama.torras.especiais
linktr.ee/flamatorras

FLAMA
TORRAS ESPECIAIS

Café de qualidade - Produzido com respeito - Torrado com excelência.

Alergia

Maria Luiza Artese

Tenho alergia a crustáceos
Tenho alergia a coisas que se regeneram,
de cascos duros e carne macia,
Tenho alergia do camarão triturado nos dentes de papai
E da lagosta que mamãe detesta.

Tenho alergia do extrato de
bicho picado
no meu braço.
Alergia da lagosta que
se deixar
não morre
Dos telômeros que
se deixar
não morrem

Tenho alergia da sinergia
que move as lagostas que migram
Eu tenho alergia da sincronia
Das criaturas que duras emergem
Dos manges exangues

Tenho alergia dos polvos
Que não são crustáceos mas que morrem
do mesmo jeito trágico
Tenho alergia das lulas
Que ficam gigantes e ainda assim
Derretem no suco gástrico

Tenho alergia de tudo que
Não morre mas que acaba morrendo
Acima de tudo, e apesar
do meu defeito genético
De respirar para viver e de
morrer respirando,
porque o ar enche os pulmões
mas oxida o sangue e
com o tempo a gente morre enferrujado.
Não as lagostas, os polvos também
Os bichos que respiram debaixo d'água
como não poderia deixar de ser
são imunes à ferrugem
E às vezes à morte também.

Tenho alergia de caranguejos
cujas patas crescem de novo se
Você arrancar do jeito correto.
Tenho alergia de lagostas que
Não morrem se der tudo certo
Só ficam gigantes mas até aí
mesmo sem definhar
elas ficam lerdas e hesitantes
E são pegadas por homens gordos que
Nem mesmo vão comer a sua carne.

Eu diria mesmo que
sou alérgica a ser imune
Da coisa única que nos une
As lagostas, os caranguejos
As lulas e os polvos
Tenho alergia à vida
E nenhuma imunidade à morte.

Venha para a Estante Distópica

Por: @elrafa.lit @felixliteratura

O que é:

Curso / leitura coletiva
sobre distopias clássicas;
Um estudo de livro por mês.

Como funciona:

Grupo fechado no WhatsApp;
Conteúdo em vídeo, áudio e texto;
2 lives mensais;
conteúdos e debates bônus!

De Nov. a Fev. 2021, próximos livros:
"Nós", de Leгуені Zamiálin; "Admirável Mundo Novo", de
Aldous Huxley e um "livro misterioso"...

VALORES E INFO: estranhoescritorio@gmail.com

CONVOCATÓRIA PARA AUTORAS/ES EMERGENTES

#textosnaquarentena:
publicação de antologia

ensaio, poesia e prosa.

www.oribeeditorial.com.br

Oribê
editorial

O Festival
BRASIL
QUE
LÊ

EM NOVEMBRO

Acompanhe
nos canais da
Rede
Nacional de
Bibliotecas
Comunitárias

rncb.org.br
youtube.com/rncbvideo
facebook.com/redenacionalbc
instagram.com/redenacionalbc

15 ANOS
Itaú Social

O burocrata I

Ranieri Carli

Comendo um pão com purê de batata,
Como convém a um veraz burocrata.

Pondo a ração na vasilha da gata,
Como convém a um veraz burocrata.

Vestindo um terno de linho e gravata,
Como convém a um veraz burocrata.

Saudando desde o porteiro ao magnata,
Como convém a um veraz burocrata.

Mostrando as salas à turma novata,
Como convém a um veraz burocrata.

Fixando os muitos registros em ata,
Como convém a um veraz burocrata.

Dispondo ofícios por ordem de data,
Como convém a um veraz burocrata.

Lendo o estatuto que sempre se acata,
Como convém a um veraz burocrata.

Fazendo do hábito a máscara inata,
Como convém a um veraz burocrata.

Sendo um vagão que nos outros engata,
Como convém a um veraz burocrata.

Portando o espírito da álgebra exata,
Como convém a um veraz burocrata.

Abrindo mão de aderir à passeata,
Como convém a um veraz burocrata.

Fingindo ser eleitor democrata,
Como convém a um veraz burocrata.

Fechando os olhos à má negociata,
Como convém a um veraz burocrata.

Servindo dócil a quem o contrata,
Como convém a um veraz burocrata.

Cedendo quando lhe pedem a pata,
Como convém a um veraz burocrata.

Sofrendo o assédio que não se relata,
Como convém a um veraz burocrata.

Temendo a Deus, senhor do ouro e da prata,
Como convém a um veraz burocrata.

Deixando à sombra o seu viés psicopata,
Como convém a um veraz burocrata.

Contendo impulsos de origem primata,
Como convém a um veraz burocrata.

Domando a vida, tão pérfida e ingrata,
Como convém a um veraz burocrata.

Vivendo a inércia, que aos poucos o mata,
Como convém a um veraz burocrata.



Flávio Sanso

Aos açougueiros deveria ser garantido o direito a tratamento psicológico. Por que não? Lidam com a matança em série, produzem a carnificina em estado bruto. Já não parece motivo suficiente? É que a prática reiterada torna os nervos acostumados. Mas eis que durante o procedimento de abate, o açougueiro retratado nestas páginas encara o enorme animal pendurado e, num rompante de sensibilidade, é acometido pelo surto que o empurra para dentro de um turbilhão de acontecimentos insólitos. A partir daí é só alvoroço. Não é para menos, levando em conta a improvável convivência que se dá entre o açougueiro e Ludovico, criatura pródiga em espalhar transformações por onde atravessam suas passadas planejadas e elegantes que avançam como se acariciando o solo. Esta é mesmo uma história de transformações. E de sentimentos vibrantes, de ânimos despertados. E também de vida ou morte, mais vida do que morte, na medida em que conforme Ludovico vai teimando em se manter vivo, o sentido das coisas ao redor, até então sempre muito imperceptíveis, vai ganhando colorido de revelação. Viva Ludovico.

Para mais detalhes, acesse
flaviosanso.com



ALLEJO.COM.BR



**Fale outra língua,
escute o mundo!**

Marcelo Alcaraz

Trecho da novela *Os jardins de Murillo*

Não é que você não tenha as qualificações necessárias para receber a bolsa, mas sim, ano após ano, a sua proposta nunca está à altura. Quando finalmente a proposta estiver perfeita, aí você receberá a bolsa.
Lydia Davis em “A bolsa”, de *Tipos de perturbação*.

4 de janeiro
Em Portugal, não há redinhas de proteção nas janelas, quem sabe os locais achem isso um gasto desnecessário, assim como muitos outros gastos. Não é incomum a notícia de uma criança que foi pro abismo, geralmente, filha de migrantes. As crianças portuguesas são treinadas a não se aproximarem das janelas e a manterem distância do abismo. Os portugueses não gostam de riscos, são comedidos, nunca flertam com ele, como os vizinhos espanhóis, por exemplo.

Na crise mundial de 2008, muitos espanhóis passaram fome, pegando comida do lixo, enquanto os portugueses tinham sua poupança. Os galegos de Vigo perderam seus empregos no porto, na indústria e no comércio, muitos passaram fome. A devastação de 2008 ainda deixa suas marcas, a lentidão na recuperação econômica devastou muitas vidas, arruinou negócios e casamentos.

A ausência das redinhas era um convite direto, perverso. Muitos adultos se aproximavam e pensavam como era fácil acabar com a própria vida. Os adultos deprimidos gostavam da inexistência das redinhas. Quando não se jogavam, ficavam horas nas janelas, pensavam em se jogar, mas se acovardavam, as atrocidades e as humilhações do mundo ainda são preferíveis aos sonhos de morte, como bem lembrou o tragicômico Hamlet. Lia sempre gostou de flertar com janelas, de namorar abismos. Sobrecarregada com sua dissertação e com os cuidados excessivos do lar, dizia-se vítima de uma relação abusiva. A palavra “abusivo” não saía de sua boca. Ela enchia a cara todos os dias e

eu, o abusivo, cuidava de Raul. Além dos cuidados com a tese, a casa. O seu salário, segundo ela, sempre foi maior que o meu, enquanto eu lidava com as palavras, ela com a vassoura e o tanque. Abusivo. Ela afirma que introduzi a tristeza em sua vida, mas não lembra que, no momento em que a conheci, não levantava da cama por causa do fora de um namoradinho. Tomava remédio pra acordar e pra dormir, eu a levava para passear no parque. Lia e a morte sempre foram irmanados, sua fome, movimento e energia são apenas o outro lado da morte. O que era abuso, o que era cuidado? Quantas vezes segurei sua cintura e a impedi que ela se jogasse no nada. Não era isso o que ela queria? Por que impedi seu gesto derradeiro? Não sabia se agi corretamente, nunca saberei. Motivado por uma formação cristã, impedi uma suicida, salvei sua alminha do umbral.

Mas ficar casado tanto tempo não era também uma espécie de morte para nós dois? Por que permanecemos tanto tempo juntos? Quem sabe em nome dos espíritos que nos apadrinhavam, das entidades celestes que abriram nosso caminho. Uma hora, até os anjos abençoavam nosso fim, caboclos e pretos velhos pediam pra que não olhássemos mais um pro outro.

Ficamos juntos por preguiça e covardia, há uma espécie de depressão que acomete casais antigos e impossibilita sua fuga. Os boletos que não param de chegar, a demanda das crianças, o desejo esmagado, sublimado. A separação só traria problemas, em vez de um aluguel, dois. Contas chegando em dois endereços

diferentes. O casamento é uma instituição bancária, por isso também permanecemos tanto tempo juntos. Sim, ficamos incrivelmente carentes enquanto estamos casados. Muito. Raul viu a mãe esticada no sofá, a roupa manchada de vômito. — Ela é decadente. — Não a julgue. — Ela não sabe beber, nem isso aprendeu a fazer direito. — Quantos dias ela vai ficar esticada aí? — Até ela se curar do porre. Raul tinha uma língua ferina, implacável. Perguntou-me por que eu a auxiliei, deveria, segundo ele, tê-la deixado na grama. Alguém a levaria para o hospital, alguém daria conta de socorrer aquele corpo sem controle, enfiá-lo em um carro e administrar os procedimentos médicos. — Por que você não a esquece de vez? — Temos uma história, apesar das dificuldades. — Foram acomodados, deveriam ter se largado há muito tempo.

Ele não deixava de ter razão com sua crítica mordaz. Houve um tempo em que eu não conseguia nem me aproximar dela, não conseguia sentir seu cheiro, olhar seu corpo gordo e disforme. Sua risada, que no início me encantava, a partir de um dado momento começou a me causar arrepios. Era um estrondo, algo que constrangia as visitas e quem não a conhecia. Maior prova dela que o outro não importava tanto quanto a sua vontade de gozar. Não houve um pai rígido que a impedisse de rir ou de sentar de pernas abertas. A sua mãe era igualmente frágil, a mulher que engravidou e não deu certo, não tinha

autoridade nenhuma sobre ela. Lia era forte, se criou sozinha. Contudo, ela sempre me apoiou, quando estava prestes a desistir do mestrado, ela me apoiou, sempre lendo meus textos, reparando as falhas e acreditando em mim, trabalhando em casa e nas instituições privadas, locais que exaurem qualquer professor em troca de um salário de subsistência. Lia estava sempre por perto. Raul não tinha o direito de apontar um instante de degradação, um caco descolado da história, colocando-o em primeiro plano. Era apenas um porre, uma fuga, um tremor que ajuda num mundo sem esperança. Se não for na passagem do ano, que seja no dia seguinte, uma hora temos que gritar. Na passagem, ainda esperamos que as coisas se modifiquem como um toque de mágica, imaginando que todos os males do ano que passou possam ser dissipados. Lia segurou a onda na passagem e encheu a cara no dia seguinte. — Posso tirar uma foto dela? — Você passou de todos o limites. Dei um pequeno empurrão nele, minha vontade era de socar a sua cara, aplicar um corretivo que fizesse algum efeito. Queria deixar alguma marca no meu filho sem limites, já que ele não internalizou nenhuma moral verdadeira, nenhum afeto genuíno.

6 de janeiro
Há muita romantização em torno do amor familiar, muita coisa não dita. O mito do amor materno é uma das falácias que sustentam o Ocidente. Lia me abraçou e me deu um beijo na boca ardente. Beijos assim me davam tesão, mas agora eu transava por transar. — Não gosto do nosso filho.

— Como?
— Nunca gostei.
— Como assim? E os primeiro anos de vida, as festas e os aniversários?
— Quando saiu da minha barriga, passei a odiá-lo.
— Por que não abandonou tudo desde o início?
— Por hábito. Vocês dois são um desastre na minha vida.

Depois que eu ouvi aquilo, fiquei puto da cara e, quando eu ficava puto, tinha que transar. Adorava uma prostitua do Porto chamada Márcia. Era com ela que eu desabafava, minha cama, minha terapia. Não por acaso ela, era formada em Psicologia. Ela era um garota bem resolvida, dizia pra mim que não havia dor em sua escolha, se voltasse ao Brasil, passaria fome. Falei pra Márcia o que tinha acabado de ouvir de Lia.

— Você confia nas palavras dela.
— Não não confio, ela muda como o vento, tempestade.
— E se for verdade?

Sim, ela pode nunca ter amado o filho, pode nunca ter me amado, apenas estávamos juntos, deixando que os desejos adormecessem embaixo da coberta. Depois de ter trepado com Márcia e andar pela ruelas do Porto, comecei a olhar mensagens do Tinder. Não suportava jogos de sedução de aplicativos, davam-me nojo, mantinha aquilo por puro tédio. Pessoas seminuas proclamando aos quatro ventos procurar a alma gêmea? Certa vez no Tinder, abordei uma senhora que iniciou um inquérito.
— Tens filhos adultos?
— Tenho um adolescente.
— Tem boa renda?
— Não, sou bolsista
— Gosta de viajar?
— Sim, sozinho.
— Penso que não és minha alma gêmea.

Graças aos deuses eu não era a alma gêmea dela, ainda bem que eu ainda estava em falta com o cosmos, por sorte quem me completava não falava tanta bobagem. Não havia casado com minha alma gêmea, mas com um anjo caído, a filha da empregada não é feita para um cara da classe média cheio de preconceitos. Achei que era um branco descolado, mas sou um babaca mimado, sempre tive dificuldades em me comunicar com Lia, sempre.

O aplicativo é esperto e quem o usa sabe de um recurso chamado desfazer o match. Ao contrário da

vida, com ele se pode corrigir erros amorosos. É só desfazer, descurtir, seguir adiante. Com a vida tudo é mais arriscado, encontros podem redundar em filhos, e essas criaturas são mistérios que nos levam do jardim de rosas ao mais absoluto inferno.

Andar pelo Porto é sentir-se em meio a um turbilhão de vozes planetárias, música dissonante que é assimilada aos poucos pelos ouvidos. Chineses escarram no chão, franceses comem um sanduíche, espanhóis, principalmente os galegos, aos domingos. Esperei uns dez minutos para sentar em um lugar agradável. Não gosto de beber perto do rio, é sempre mais caro. Gosto de me aproximar do rio levemente embriagado.

O Douro é lindo, o Porto é um lugar mágico, pegar na mão de alguém na beira do rio, um clichê. Viver sem amor deixa tua alma árida, em qualquer lugar, pode ser o Douro, o Sena ou aquele puta rio que corta Sevilha. Preferia o corpo de Márcia,

prostituta tão querida. Alguém que eu via de vez em quando pra sentir um pouquinho de vida.

No corpo de Márcia descarreguei minha raiva, meu pau duro camuflava minha impotência. Sou um cara frágil, um bolsista profissional, alguém que sempre tentou concursos, mas nunca possuía os requisitos necessários para determinada vaga. É um jogo que oscila entre a magia e a política, possuir as qualificações necessárias para uma vaga, isso nunca ocorreu comigo.

Lia estava certa, eu não tinha pegada. As recusas sempre me abalaram. Desde a adolescência, cada namoradinha que me dizia não, cada vaga de emprego. As antigas cartas de recusa das editoras me feriam profundamente, nunca andei de cabeça erguida depois de um golpe sempre levando pro lado pessoal, como se o filhinho da mamãe tivesse feito algo errado.

Mesmo assim, sigo com meu luxos, mimos, bebo bons vinhos todos os dias porque em Portugal o que é bom

custa pouco. O brasileiro, quando chega, passa de um a três meses deslumbrado com o universo dos vinhos, quem sabe do riscado não quer mais se mandar desse lugar.

Eu fiquei seis meses experimentando, como uma criança a quem sempre impediram de entrar na loja de doces e de uma hora pra outra lhe conferem um voucher permanente. Ao contrário dos vinhos da América do sul, os vinhos portugueses são compostos de ao menos três uvas, como Aragonês, Trincadeira, Alicante Bouschet, Castelão, e Alfrocheiro. Os alentejanos, por exemplo, são harmônicos e persistentes em boca, capazes de lhe dizer que o sentido da vida consiste em sentar em um lugar e esquecer por uma hora suas dores. Os efeitos e as alegria do vinho são mais fáceis de se obter por aqui, os portugueses do norte são muito travados na cama.

Hoje é Dia de Reis, havia esquecido. Chego na estação de comboios e fico em dúvida se vou a pé pra casa ou se pego um Uber, esse meio de transporte é novidade em Braga. Obviamente foi criado por um brasileiro que aqui chegou em busca de emprego, hoje somos quase 40 mil de brasileiros, suscitando reações ambivalentes nos portugueses e tentando sobreviver com seiscentos, setecentos euros por mês.

Decido ir a pé pra casa, há ao menos a presença da lua e de algumas estrelas que podem iluminar meu caminho. Sozinho e corroído por dentro, sou o Senhor Clichê. Daqui a pouco começo a olhar o horóscopo da semana. Raul me envia mensagem no Whats afirmando que estará na casa de amigos. Provavelmente vai fumar algum baseado e tomar um trago de vinho, assim como eu, já encontrou maneiras de tornar a existência tolerável e por vezes até alegre.

Há uma cantoria na frente de algumas casas, canta-se por causa do Dia de Reis, por causa de um passado que não existe mais, quando a vida era abundante e não existia ainda a zona do euro e a bobagem do mundo globalizado. Canta-se por saudades o português isso, metade saudades metade desencanto. Bastaria que alguém saísse da casa e entregasse um ou dois euros a essas pessoas que se submetem ao frio intenso, mas ninguém sai, eles parecem habituados à espera e às negativas. Partem para a casa ao lado.



Hermínio, nossa escola não aceitará mais o argumento de que seu filho é um gif

Colégio Bom Menino do Iguapé
<direcaoacademica@meninodoiguape.com.br>
ter., 16 de outubro. 13:42
para Hermínio Alegri
<doutorherminioalegri@gmail.com>

Olá, Dr. Hermínio.

Meu nome é Evandro Sobral, diretor acadêmico do Colégio Bom Menino do Iguapé. Bem, você me conhece bem, infelizmente para nós todos. Após diversas deliberações com o nosso Conselho Acadêmico, viemos informar por meio deste email que o estudante Hermínio Alegri Júnior, do 6º Ano C, do Ensino Fundamental, foi desligado definitivamente da nossa instituição.

É com muito “pesar” que comunico tal desligamento, Hermínio, e você bem sabe o quanto as coisas saíram MUITO do controle para que tivéssemos que tomar essa medida drástica, que não acontecia em nosso Colégio desde o Caso Aninha, há dois anos, educadora que convenceu seis crianças do Fundamental I a cometer suicídio em uma atividade ao ar livre, no Pico do Marumbi. Quinze anos de cadeia é pouco se considerarmos que as outras seis crianças sofreram traumatismos graves – uma, curiosamente a mais obesa, hoje é conhecida como Aleijona.

Enfim, Dr. Hermínio, o Hermininho foi longe demais. Para os padrões dele, para os seus, para os nossos. Acabou. Não importa quanto

dinheiro você já injetou nessa escola, não importa quantas vezes você segurou minha barra, não importa o que a sua esposa – ex-esposa – vai pensar, nem se ela engordou. Seu filho é um verme. Antes de conhecê-lo, eu não sabia que alguém tão novo podia ser tão otário.

Sabemos que o Hermininho já estava habilitado para o programa de intercâmbio da nossa instituição e que isso prejudicará os planos familiares depois que vocês retornarem de Aspen. Também soubemos, após auditoria interna, que ele dispunha de uma licença especial, concedida pelo diretor-geral da instituição. O que dizia a licença? Que seu filho, tecnicamente, é um “gif” (*Graphics Interchange Format*; leia-se *guif* ou *djif*, tanto faz e quem discute isso é virgem mesmo). Em trinta anos trabalhando com educação, eu nunca cheguei perto de ver algo parecido. Mas com base nessa licença, Hermínio, o Hermininho basicamente não pode ser expulso de sala, deve receber a bola sempre na Educação Física e tem direito a um colega carregando suas malas e pagando seu salgado – um croquete de presunto – no intervalo. Anexado ao processo há uma dissertação de 50 páginas, pautada principalmente em Hegel (e mais ainda na própria ininteligibilidade), *comprovando* que seu filho é um gif em razão de uma “disforia de gênero imagético”.

Um gif, Hermínio? Um... gif? Isso é baixo até para você. Como sua promotora convenceu uma comissão inteira certamente pode ser classificado como arte (e nossa escola, como circo).

O diretor-geral caiu nessa porque tem 92 anos e, acima de tudo, porque não poderia se importar menos. Para ilustrar a situação, enquanto eu escrevia este e-mail ele apalpou a bunda de um inspetor, lamentando-se em voz alta ao se dar conta de que não era “uma das gostosinhas”. E também porque nosso diretor-geral parece ter sequelas do coronavírus desde 2004 – e o Hermininho se safou de mais essa. Em todo caso, a palhaçada acaba hoje.

Reconheço a inconveniência do assunto, mas acredito que sua separação tenha afetado o Hermininho. Longe de mim buscar qualquer intromissão na sua vida pessoal, até porque ela parece uma bosta. Reparamos, dia desses, que você não consertou o amassado lateral da sua SUV, o que nos faz crer que as coisas estão um pouco descontroladas na sua vida pessoal – ou que alguém andou não guardando dinheiro na poupança para emergências... Também reparamos aqui, juntamente com o Financeiro e com o setor de Matrículas, que o senhor está com duas parcelas atrasadas do último trimestre, portanto incapacitado de rematricular seu fedelho no ano letivo de 2021. Então, é possível que nem fosse necessário desligá-lo oficialmente, pois o Serasa já seria a via

punitiva habitual. Entretanto, poucos seres humanos motivam tão bem a burocracia como o seu filho. Ele faz o livro-ponto parecer o Eldorado.

Hermínio, mesmo que você quite suas dívidas com a instituição, mesmo que você queira pagar o próximo semestre à vista, mesmo que a sua secretária venha seminua trazer bolinhos ao RH, nada disso muda o fato de que o seu filho é um pedaço de merda. A ponto de ele realmente trazer as próprias fezes em um *tupperware*, Hermínio, e depositá-las na caixa de giz dos professores. A questão é: o verme ainda é engenhoso, afinal ele também esfrega a bosta no apagador. O quadro fica circumnavegado de merda, Hermínio. Eu sei: que escola com mensalidade superior a dois mil reais ainda usa lousa de giz? Não é o ponto. O ponto é: por que caralhos vocês têm duas governantas? Tinham, né, até – palavras suas, não minhas – “a vagabunda rapinar o apartamento inteiro”. E, bom, até você transar com as duas governantas.

Seja filho de um, seja filho de dois desgraçados, o Hermininho é um câncer e nós não o aguentamos mais, simples assim, não queremos prorrogar a existência dele em nossa escola mesmo que tivéssemos a certeza de que ele vai morrer em seis meses. Como pode um jovem de 12 anos ser tão, mas tão funesto? Como pode um ser humano alimentar os gansos do

nosso lago com chiclete durante uma semana? Qual é o motivo para ele criar um perfil falso com o meu nome nas redes sociais e dizer que o meu pau é pequeno? E ainda postar fotos íntimas supostamente minhas ao lado do meu gato de estimação? Por que ele ingere sal de fruta, simula convulsão e alega que isso não é proibido pelo Regimento Interno?

O Hermininho não só é o pior estudante já matriculado nesta instituição, mas talvez o pior indivíduo com quem já convivi, incluindo adultos, crianças e meu cunhado, o Frank. Por tudo isso, apenas desejamos que você se recupere de todas as agruras pelas quais vem passando, sobretudo o processo penal por evasão de divisas, e repense a ideia de aumentar a família. E se isso for genético, Hermínio? Você é médico, porra, devia entender dessas cagadas. Acerca da situação da evasão de divisas, acreditamos que ninguém deve ser condenado antes de esgotar todas as possibilidades de defesa e de provar a própria inocência, exceto o seu filho, um ser humano (não um gif) abjeto, que, por mim, seria queimado vivo, junto dos tênis de LED dele.

Att,
Evandro Sobral

**LEIA UM TEXTO,
ESCUTE UM PODCAST.**

ALGUMLUCAS.COM

acontece nos *livros*

um canal dedicado à literatura

whisner fraga

Inscreva-se e mergulhe no universo literário.



zagreusw



acontecenoslivros



noslivros



acontecenoslivros@gmail.com



Primeira aparição
do livro invisível
Viagem a Andara,
de *Vicente Franz Cecim.*

www.catarse.me/andaracecim

Confidencial



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA



QUE FIM LEVOU?

Com o jornal rodando há mais de dez anos completos – portanto, cumprindo mais de dez anos de hora extra – é natural acumular histórias. Também é inevitável se reciclar desavergonhadamente. Nestas centrais, resgatamos alguma das nossas subcelebridades mais queridas e, à Milton Neves, indicamos o desfecho daqueles com quem conseguimos contato.



Serginho Diniz

Quem é? Empreendedor, investidor, líder.

Edição: maio de 2016.

Que fim levou? Preso por negociação com informações privilegiadas, manipulação de mercado, ocultação de patrimônio, lavagem de dinheiro e demais manobras contábeis complicadas de explicar, mas mais complicadas ainda de recusar. As ações de sua mineradora dispararam 473% em outubro, após divulgação de fato relevante em que a empresa jura ter encontrado zinco em Urano, esperando, agora, apenas um aporte polpudo por parte de novos acionistas para o que a companhia defende ser “a maior revolução no uso de baterias na Terra”. Serginho é pré-candidato a vereador em Maringá (PR) e não abandonou os dois pingos no i, nem os aditivos nos contratos com o governo.



Cleitinho Aguiar

Quem é? Humorista que faz você gozar de rir.

Edição: novembro de 2015.

Que fim levou? Depois do fim do *Casseta & Planeta* e da reformulação ou fim ou tanto faz o que aconteceu com o diarreico *Zorra Total*, Cleitinho estuda uma nova modalidade de humor limitado e persistente, porém confortável. Trata-se do humor *king size*, em que ele improvisa piadas de matrimônio a partir de casais que testam camas em eventos da Casa Cor. “Essa cama a patroa vai gostar... se ela couber!”. Tacanho, limitado, previsível, irritante, atrasado e desprovido de qualquer criatividade na forma e no conteúdo, Cleitinho tem sido sucesso absoluto entre indivíduos que consomem stand-up comedy e demais shows nacionais de improviso.



Diabo

Quem é? O próprio Satã.

Edição: agosto de 2019.

Que fim levou? Ocupação



Edinho Sound

Quem é? Entusiasta do *tuning*.

Edição: fevereiro de 2020.

Que fim levou? O maior tuneiro do Brasil pensa em sediar o próximo jogo do Brasil nas eliminatórias da Copa 2022. A ideia é usar a estrutura do X-Treme Motorsport e mais 11 Passats parados. “Já conversei com especialistas: é possível sim”, ele alega. “Nenhum carro ou conjunto de carros já sediou uma partida oficial da Fifa, então de fato existem alguns entraves burocráticos, mas estamos confiantes”, Edinho complementa, no plural, ignorando o fato de ser apenas um indivíduo meio pinéu. “Mas se a Fifa quiser se meter na minha caixa de som, aí já era; cê é loko”.



DJ C_D_Sky

Quem é? O primeiro DJ de eutanásia do planeta.

Edição: outubro de 2019.

Que fim levou? Ao contrário de todos os outros DJs do planeta, mantém agenda lotada na quarentena. Para o Natal, planeja o festival Cofrite-19. Recusou-se a ser entrevistado porque “não curtiu a vibe do Jornal” – e porque estava sob efeito de ketamina.



William Winner

Quem é? Coach de suicídio.

Edição: outubro de 2017.

Que fim levou? Matou-se de forma esplêndida em 2019, amassado entre um furgão e uma cabine de jogo do bicho. Deixou não uma carta, mas um game de suicídio. Especula-se que WillWin esteja vivo, à espera de um retorno triunfal, quando a poeira do planeta abaixar. A suspeita de que sua morte é um viral do próprio serviço surgiu na própria lápide, que dispõe um QRCode cujo link aponta para lugar algum.



Luiza Cacau

Quem é? Fundadora do Lar Esperança, casa de reabilitação cujo alfajor beneficente fez o consumo local de crack disparar.

Edição: janeiro de 2020.

Que fim levou? Foi absolvida das várias acusações a que havia sido submetida, mas teve de abandonar o Lar Esperança para não fomentar o consumo de crack com seus deliciosos alfajores. Fundou, em agosto de 2020, o Partido Kinder Novo, com a proposta de retirar todos os drogados ilícitos das ruas e convertê-los em diabéticos. Propôs transformar a Argentina em um grande alfajor visível do espaço. Embalada pelo doce da fama, porém azeda pelas acusações injustas, abriu uma franquia de chocolates amargos com preços salgados.



Escritor

Quem é? Encontrado morto após tentar chupar o próprio p@u.

Edição: outubro de 2018.

Que fim levou? Segue morto. Prestígio literário post mortem ainda não decolou.



A Revolução de 64 é irreversível e
consolidará a Democracia no Brasil

SACRIFÍCIOS ASTECCAS

Quando pensamos nos astecas, um dos povos mais instigantes a pisar nessa terra, é normal lembrar dos terríveis sacrifícios realizados aos deuses, por meio dos quais uma imensa gama de azarados, de prisioneiros a crianças, perdia a vida para que criaturas (ou criadores) celestes ganhassem uns agrados. No entanto, há muito mais sobre os astecas do que rituais sanguinolentos.

No entanto – de novo –, é justamente sobre rituais escabrosos que queremos discorrer. Entre militar e religião, contextualizemos a brincadeira dessa imagem em que se vê a representação de uma atividade do Tlacaxipehualiztli, um festival que antecedia a estação de chuva, dedicado ao deus Xipe Totec – mais sobre ele em breve, porque vale a pena. Reparem que o sujeito à esquerda da imagem, qual o da direita, carrega um escudo e uma espada. O rapaz à direita, porém, é um guerreiro jaguar, isto é, pertence à elite militar asteca – o que naquela sociedade significava ter vencido na vida. O da esquerda, provavelmente prisioneiro de guerra.



E aí as coisas começam a ficar mais pesadas. A espada de madeira que o jaguar carrega – *macuahuitl* – contém lâminas de obsidiana, vidro vulcânico utilizado em diversos ornamentos da cultura mesoamericana. A espada que o prisioneiro carrega? Bom, as pontas apresentam penas. Se você já está se imaginando na situação do infeliz, vale atentar que ele também está amarrado pelo tornozelo.

Para piorar – e isso não é nem de longe a pior parte –, a ocasião costumava ser assistida por multidões. Para piorar de fato, em alguns sacrifícios o prisioneiro era atacado por um grupo inteiro de guerreiros, tanto jaguares, quanto águias. Segundo Jacques Soustelle, geralmente os sacrificados – não só os do Tlacaxipehualiztli – encaravam de cabeça erguida seus fins iminentes, sem fugir ou chorar, o que não era bem visto no que tange às crenças do pós-vida.



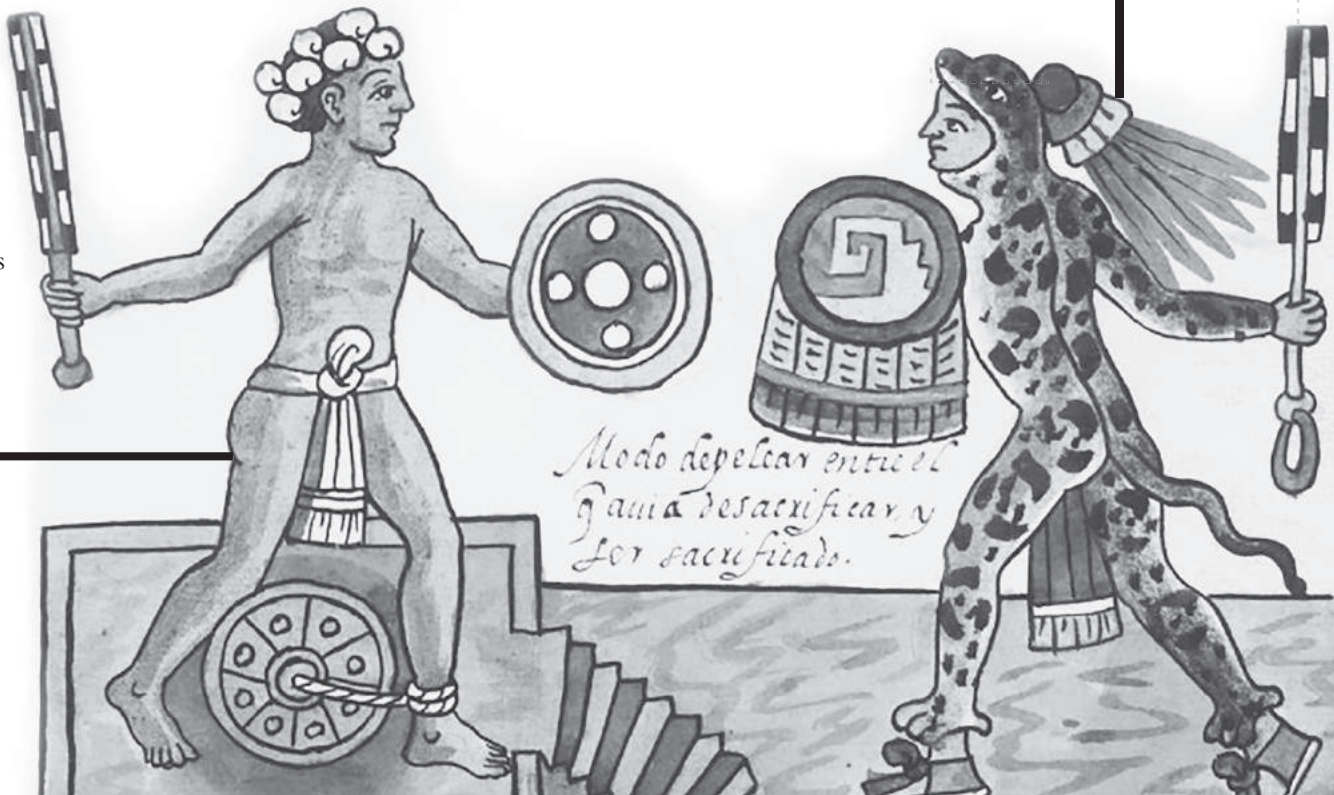
Dez pila no sebo
mais próximo!

Por fim, Xipe Totec. Se o Tlacaxipehualiztli era essa mistura de UFC, Lollapalooza e Jogos Mortais, o homenageado é um dos deuses mais queridos da Enclave. Para os astecas, Xipe Totec dispunha de responsabilidades diretas na agricultura, vegetação e mudança de estações; com ourives, prateiros e até doentes. Era representado por uma pele sobre outra, ou seja, vestindo uma derme alheia.

Claro que, para honrá-lo, ainda durante o festival, algumas vítimas tinham sua pele esfolada para ser trajada por outro alguém. Sem problemas, contudo, pois o coração era arrancado antes de qualquer outra coisa.



Bienvenido a
Hotel California



Leito

Giovana Proença

Quando meu bisavô resolveu desposar a filha do caseiro, ele estava ciente de todas as renúncias e dos privilégios que perderia dentro das terras da família. A relutância encontrava argumento no pai da noiva, um tipo beerrão que vivia juntando os poucos pertences e os numerosos filhos em uma carroça enguiçada, aventurando-se entre casebres cedidos por seus proprietários e os empregos nos quais pouco durava. Mas se tratava de um caso de amor e os protestos foram todos em vão.

Foi assim que meus bisavós foram morar em uma casa de pau a pique nos princípios da década de 1940. Não passaram muito tempo na moradia. Em pouco mais de um ano estavam estabelecidos em um dos vários quartos da grande casa central da propriedade da família do meu bisavô, compartilhando mesa com os parentes, imigrantes italianos, que proseavam e gesticulavam alto, enquanto a nonna servia a polenta e o frango.

Não cheguei a conhecê-lo, Lorenzo. Mas se perguntassem à minha bisavó, o olhar longínquo e o sorriso delineado tímido denunciavam que, para ela, a melhor temporada da convivência a dois foi naquela casa de taipa. Podem ser os sinais dos auspiciosos primeiros tempos de um casamento concretizado após anos de visitas ensaiadas. Ele chegava no terno branco, vinha galopando, ela contava. Quem não aprovava as vindas furtivas era a mãe, embora fizesse gosto do casamento da filha com o futuro senhor. Sentava entre os dois, postura rígida, impedindo qualquer interação física entre os amantes. No dia que o noivado se realizou, teve permissão para pegar-lhe a mão pela primeira vez. Era ao menos o que pensavam, encontros mais arredios ocorriam por entre as plantações, longe das vistas.

Poucos fatos fora da ordem comum sucederam naqueles primeiros meses de matrimônio, os dois compenetrados na aprendizagem da vida conjugal, que descobriam ser diferente da linguagem do amor. Apenas um acontecimento desequilibrou a navegação nos mares da aliança, onde remavam inebriados pela brisa da felicidade.

A chegada de um carro tirou a pacata vila de seu cotidiano. Composta por moradores que lutavam por seu sustento: lavradores, pescadores, costureiras e lavadeiras em sua maioria, não era rotina a presença de um automóvel. Muito menos

daquele porte. Os ventos de junho prenunciavam o inverno quando um casal, por volta de 60 anos, desceu do Cadillac. Espessos casacos e as jóias acusavam a fortuna.

O senhor, passos afirmados pela bengala, aproximou-se do meu bisavô. A preferência era justificada, dizem que ele tinha porte distinto, uma dignidade misturada ao acalento de profundos olhos azuis. Nunca pude vê-los por deficiência das fotografias em preto e branco que não fazem jus. Encarando os notáveis olhos, o senhor apertou nervosamente os lábios, remexendo a bengala, como quem procura as palavras em algum canto inacessível. Pronunciou uma frase que expressava seu doloroso impasse: “Sabe, meu filho, é que eu já contei essa história tantas vezes...”. Tirou o chapéu para prosseguir. Lorenzo já estava arrebatado pelo timbre de desalento.

Foi interrompido pela esposa. A senhora que ostentava anéis cujo valor em muito devia ultrapassar o de todas as casas da vila, colocava-se em posição submissa. Pediu para entrar, queria tratar de assunto sério. A modéstia aparente contrastava com a avidez oculta que prometia revelação. Minha bisavó ofereceu-se para passar um café. Os visitantes estavam afoitos por seu objetivo. Sem mais delongas, aquela mulher com pose de dama apresentou seu anseio: estava a procura do filho. Roubado quando era criança, explicou. Tantos anos, era homem feito e já devia estar casado. Passara a vida toda à procura. Viagens cortando os quatro cantos do país, detetives particulares, artigos em jornais, anúncios em rádio. O sotaque das palavras impacientes denunciava que eram da capital.

A ideia do filho sumido de uma família abastada de São Paulo estar naquele recanto, afastado da civilização urbana ascendente, era ilógica. Meu bisavô dizia que foi a única vez que viu a esposa mergulhada em silêncio. Desconsertado, ele próprio estava prestes a desfazer as expectativas de um encontro próximo com o filho perdido. Pigarreou pensando em como começar o lamento quando a senhora precipitou-se a contar que recebera uma informação. “Aqui é onde encontro meu filho”, pronunciava com tanta segurança, as esperanças solidificando a ausência que escorre. Sobre o informante nada disse. Apenas soubera da existência de um homem, idade do filho, criado por piedade por uma família de lavradores da região. Enquanto expunha os conhecimentos desconexos, as marcas que a vida em prol de uma busca deixara nos rostos da mulher sucumbida tornavam-se cada vez mais aparentes.

Meu bisavô, mais por não saber como ser o mensageiro da destruição do encontro iminente do que por

crença, contou de um caso conhecido na vila. O rapaz morava com a esposa e cinco filhos perto do rio, vivera ali quase toda vida. Foi entregue, não se sabia por quem, em um casebre de um só cômodo. Uma boca a mais para passar fome, não faria diferença. O brilho que invadia o olhar da mãe, conferiam-lhe a beleza que o sofrimento desfizera. Afoita, implorou que meu avô a levasse até a casa. Ele, cuja bondade não suportaria o peso das decepções de uma mulher em demanda, resignou-se a apontar o caminho. Tomando-lhe a mão, agradeceu o tempo disposto e sussurrou em tom confessional, os olhos pregados no rio: “Eu já devo ter chorado esse rio em lágrimas”.

Meus bisavós assistiram o Cadillac conquistar a rua, a poeira levantada pelos pneus. É um mistério como ela, tão simpaticante do papear, nunca comentou nada sobre esse episódio. Talvez a dor daquela mãe a tenha atingido em algum ponto que convertia em silêncio, talvez fosse o esquecimento de quem muito viu, agraciada por uma longa vida. Ele, que narrou tudo em êxtase para minha avó há muitos anos, apesar de ter morrido com pouca idade, experimentou um prazer que poucos vivenciam: o poder de mudar um destino. O indicador em riste decidiu muitos rumos daquele dia com um simples apontar. Foi pelo dedo do meu bisavô que aquele casal pôde adormecer a inquietação que há décadas os dominava.

O desenrolar da situação chegou até os ouvidos de Lorenzo pelas línguas de conversas de esquina da vila, despertas após grande período de pacatez. O Cadillac estacionou em frente ao casebre sem porta e o casal foi recebido por uma mulher, de juventude acentuada pela aparência raquítica. Encardida pelo trabalho na terra, cujos grãos misturavam-se ao cabelo, estava ladeada por crianças barrigudas, os pés no chão batido. A desolação do cenário não afastou-os do propósito. O rapaz foi chamado no campo, as mãos e o rosto denunciavam os rastros de uma vida dura. Chegou com o chapéu de palha apertado contra o peito, querendo saber do que se tratava a visita dos sinhô da cidade. Os olhos nada disseram, foi reconhecido pelas costas. Uma marca de nascença na nuca foi o selo da fortuna.

Se era caso de assombrosa sorte ou uma mãe desesperada que via o que precisava para acalmar o coração inquieto, ninguém nunca saberia. Abstraindo o encontro com um filho calejado, cujos dentes se perderam para as mazelas, e perdoando até mesmo os modos brancos do homem, imploraram que ele os acompanhasse para São Paulo. Uma vida boa o esperava, fartura e confortos que

afastariam as lembranças da pobreza resignada. Poderia voltar depois buscar a mulher e os filhos, acaso não trabalhava tão arduamente para o sustento deles? O próprio rapaz pouco disse, o espanto da reviravolta da sorte atingindo-o em estupor. Por boa vontade ou por apelos, entrou no Cadillac, com destino a São Paulo.

O inverno transcorrido deu lugar à primavera que pincelou o verde dos campos de plantações que ladeavam a cidadezinha. Sem mais fugas ao ordinário, meus bisavós continuavam a instrução de uma educação que fugia ao sentimental. Ele, acostumado as regalias dos tempos sob proteção do pai, não era feito para o trabalho no campo, fato que sucederia problemas no sustento. Ela queria partir, tentar a vida em Sorocaba, conhecer o trabalho nas fábricas. Absortos em seus próprios conflitos, por meses esqueceram da falta do lavrador que partira. A família deixada sucumbia, resistindo pela promessa de uma vida de provimento na capital por seus benfeitores.

Os boatos começaram apenas quando o verão trouxe o calor que transpirava nas plantações e os filhos das lavadeiras acompanhavam as mães no ofício como desculpa para um banho de rio. Alguns diziam que a mãe proibira o homem de voltar, trancara o filho no casarão em São Paulo. Outros diziam que a proibição era resultado de uma chantagem, se partisse, não retornava para os luxos, que agora tinha conhecimento, dificultando a renúncia. Havia ainda os que acreditavam que ele, por gosto, deixara para trás a vida miserável que achou um dia ser a única possível. Dentistas e alfaiates conferiram ao moço uma aparência razoável para permitir uma respeitável noiva de família paulistana. Especulações ocupavam o espaço da cova que o abandono abria.

Tempo passado, meus bisavós viviam nos ares da fazenda, reestabelecidos pelo pai do meu bisavô, que cedera longos trechos de parreiras para o filho dedicar-se à produção do vinho. Os gritos de emancipação da mulher que sonhava com as multidões urbanas foram silenciados pelo cotidiano naquela pequena sociedade ítalo-brasileira. Ela soube da morte da mulher abandonada por uma antiga vizinha quando foi deixar a roupa da semana para a lavadeira. Adoeceu e morreu em um piscar, ouviu, mas carregava a serenidade na expressão. Sabia que ele viria buscar os filhos, ao menos as crianças teriam uma boa vida, sorria distante nos delírios febris. Dormiram em silêncio na noite em que ela contou a descoberta ao marido. Meus bisavós sentiam no íntimo que, antes do descanso da morte, a desafortunada mulher chorara o rio em sofrimento.

Rodrigo Madeira

4
no paraguay tem paraguaiaias bonitas
en paraguay hay paraguayas bonitas.

é em torno da lua que a terra gravita
no paraguay tem paraguaiaias bonitas.

tomei tereré com três jesuítas
en paraguay hay paraguayas bonitas.

comprei mandioca e um pouco de chipa
no paraguay tem paraguaiaias bonitas.

tem moças chiruas com laços de fita
en paraguay hay paraguayas bonitas.

labutam formigas debaixo da mita
no paraguay tem paraguaiaias bonitas.

em caaguazú nossa água é bem esquisita
en paraguay hay paraguayas bonitas.

em limpia sujei-me, peguei parasitas
no paraguay tem paraguaiaias bonitas.

eu faço do guano valiosas pepitas
en paraguay hay paraguayas bonitas.

um fuzileiro menino em pé na guarita
no paraguay tem paraguaiaias bonitas.

ao relento no chaco uma harpista tiritita
en paraguay hay paraguayas bonitas.

em encarnación desencarno de vidas
finitas
no paraguay tem paraguaiaias bonitas.

apaixonei-me por martas, casei-me com
ritas
en paraguay hay paraguayas bonitas.

o amor fica bem em vestidinhos de chita
no paraguay tem paraguaiaias bonitas.

e se eu beijasse, no ar, outras calopsitas?
en paraguay hay paraguayas bonitas.

*en paraguay hay paraguayas bonitas.
hay solo una* – que vale
por todas no mundo –
paraguaya bonita.

com dez anos de idade, foz-iguassuado
eu já dizia:
en el paraguay
tienen unas paraguayas
bien bonitas.

13
o paraguay era um país mediterrâneo
que produzia mate e paraguaaios
nas *estancias de la pátria*.
o paraguay, é claro, também produzia
paraguaiaias bem bonitas.

daí estourou aquela guerra.

solano lópez era um filho da puta.
o brasil era um filho da puta.
a argentina de mitre e o uruguai
de venancios e berros também eram
rematados filhos da puta.
(ou seja, somos filhos de
filhos de filhos da puta.
faz parte. a história, este crime perfeito
está coalhada deles.)

e por que digo isso?
não sei muito bem, pra ser honesto.
a guerra acabou e devastou
o paraguay. boa parte do chaco
foi pra argentina. o brasil
estacionou tropas (por seis anos) e
ficou lá tomando mate.
azar o deles, diria a
história, essa inescrupulosa
historiadora.

cotegipe, outro filho da puta
historicamente relevante
tinha firmado um tratado com
o filho da puta (eu suponho)

do carlos loizaga.
e tratados, mesmo que firmados
por incontestes filhos da puta
são sempre tratados.

dizem que metade
da população paraguaia
morreu de frio/fome/marchas forçadas/e
batalhas.
e se o paraguay foi uma troia, os
gregos – *es decir, nosotros, los hermanos* –
seguimos cegos
a estrada do
subdesenvolvimento sul-americano
onde
tantos filhos da puta
há tanto tempo
prosperam tanto.

não é uma história bonita?

e por que afinal – *por qué
coño de las reputísimas madres* – digo isso?
¡qué sé yo, chera’a!

eu só queria te dizer que
no meu paraguay
não houve guerras e massacres
e batalhas por humaitá e
crianças evisceradas em
acosta ñu.

meu paraguay, graças ao bom deus
não está preso em livros de história, essas
gaiolas sinistras, não está
malparado no tempo
interditado pelas polícias
de diferentes nacionalidades
para perquirições infinitas
de míopes escafandristas
com doutorado.

meu paraguay também está
interditado, também tem lá
– como todos os paraguays
de todos os tempos e lugares –
seus digníssimos filhos da puta.

nesse paraguay, por exemplo,
há um casal cujo casamento
durou bem mais do que a guerra.

eles têm uma filha linda, aliás, também ela
paraguaia falsificada, uma
paraguaia do paraguay
falsificada por um pai
falsificador e poeta.

esse casal, além da filha
têm quatro mãos (duas cada):
as direitas já exaustas
rotas murchas desde
o tempo dos jesuítas.
mas
as esquerdas, *chera’a*
as que creem nas pétalas desesperadamente
se buscam ainda e
acabam sempre
dando um jeito de tocar-se
no escuro.

14
asunción foi fundada
antes da segunda fundação de buenos aires.
depois no entanto
ficou meio às aves
entre potosí e (justamente)
o porto de buenos aires.

asunción nunca ascendeu aos céus.
ficou onde está, continuou
doendo
de calor e beleza
de carestia e saudade.

a história paraguaia continuou existindo.
as mulheres paraguaiaias, os homens
paraguaaios
os cachorros paraguaaios e os meninos.

isso pra não falar de você, paraguaia
que pouco ou nada
tem a ver com tudo isso.



7. Caracterização

Algun Lucas

“Este livro trata da determinação existencial e do anseio de se ter um ‘eu’. Como alguém acolhe a determinação existencial e cabe no mundo?”

Juliano Garcia Pessanha, em *Recusa do não-lugar*

Trata-se, enfim, da busca, percebida como necessidade, de um *ergo sum*. No próprio *videor ergo sum*, é-se apenas na medida em que se parte do princípio de que é preciso — e possível — ser. Ser, porém, significa o que neste caso? O *cogito ergo sum* presume ele mesmo a verificabilidade da própria existência a partir da percepção de si como agente, pensante — logo, o *ato de ser*, em ambos os casos, compreende agência conforme noções diacrônicas e espaço-temporais.

No *videor*, portanto, essa agência equivale-se à simulação de si, de modo que se *é* na mesma medida em que se *é visto sendo*. Muito além das óbvias motivações sociais inerentes ao compartilhar a foto do prato de comida em restaurante chique, então, esse ato de *compartilhar* (*share*) consoma as existências dos que vivem pelo *videor ergo sum*, afinal, tanto quanto ser visto sendo, é preciso *ser visto vendo ser*. E reconheço a cacofonia inerente a essa afirmação quase três-tigres-tristes, mas creio-a imprescindível à evidenciação do *videor ergo sum* como *modus vivendi*.

Logo, *modus vivendi* que é, o *videor* explicita um abismo geracional referente ao valor da imagem técnica, da fotografia, do vídeo — que gradativamente se dilui com o uso homogeneamente intenso das redes sociais por todas as faixas-etárias. Aos avós, e até a este ou àquele cinquentão, a fotografia assume caráter documental, de registro. Fotografar implica eternizar um momento vivido para revisá-lo, contemplá-lo e, assim, evocar a partir dele os sentimentos e sensações a ele associados.

Na vivência contemporânea, entretanto, fotografar e gravar têm valores funcionais: literalmente funcionam como manifestos, provas de que se existe. O problema é que, deste modo, viver consiste em interpretar perante as câmeras uma existência estetizada e caracterizada superficial e superfluamente a partir dos mais triviais parâmetros visuais e sociais — transpira-se fashion trends, covers, filtros (!), cultura pop.

Filtra-se, literalmente, a própria identidade, por meio somente daquilo que é — mais do que se deseja mostrar — muitas vezes necessário transparecer. Se é axiomático afirmar que “hoje, todos têm problemas com redes sociais, sabe? Sofre-se muito com a pressão da sociedade. Tipo, meu, eu mesmex já sofri muito com depressão e coisas pesadas assim, sabe?”. E o pastiche existencial rumo a uma postagem “intimista”, “sincera”, que revela, através do filtro estético, aquilo que se deseja profundamente expor para que nisto se possa crer: “vejam como é genuína a minha existência.”

Essas provas do *ter sido*, então, persistem com a concretude do número de coraçõezinhos que são capazes de arregimentar. O álbum-de-fotos-documento, enfim, torna-se disfarce para o conjunto-de-imagens-que-me-evidenciam-sendo. Com os mesmos termos, assim, seguem as gerações desmesuradamente fotólatras. E aquele turista Oji-san que registra para lembrar é agora capaz de tanto registrar que já nem se lembra. E o valor da experiência de lá-ter-estado devém justamente o mesmo de poder afirmar que lá se esteve. Evocá-lo,

esse momento precioso, portanto, não passa de um onanismo existencial de alguém que nunca lá verdadeiramente esteve.

Adoto esta sintaxe vertiginosa para que, linguisticamente, as reverberações referenciais e demonstrativas do que digo transponham-se umas às outras de maneira que criem sentidos terceiros, atmosféricos — antipornográficos. É tentativa de aproximarmo-nos da evocação do entendimento, ao mesmo passo em que nos distanciamos de sua exposição. É, em vez de afirmar que $x \neq y$, sentir, nos contornos de x , saudades da substância de y .

Famigerado altruísmo performático — termo que, se inexistente, vem, enfim, à luz: se uma parte fundamental da caridade que pratico acontece estetizada e publicamente, posso afirmá-la altruísta? Dei-a função prática de sustentar o *status quo*; é possível, por conseguinte, defendê-la pelo viés do ideal? Alegar função exemplar é também sempre muito conveniente, dado que o mártir, o mestre e o ídolo são belos exemplificadores. Na busca por caracterizar-se, diferenciar-se, então, quem vive em pretensões de ser visto abre mão do contato com o sentimento para garimpar as promessas da narrativa — cria-se um percurso de mil origens que levam a um mesmo fim: à superfície estetizada e rala de uma identidade digital, passível de exploração e, logo, de monetização; tal qual a escravidão, uma forma de existência monetizável, mas desta vez de dentro para fora. Assim como outrora a

narrativa da predestinação “permitira” aos americanos atrocidades, e os preceitos bíblicos aos europeus concederam o direito de colonizar; acreditar em monismos existenciais e no *videor ergo sum* desencadeia a corrente que leva — ou torrente que arrasta — à maior incongruência existencial contemporânea: se eu preciso ser visto para existir e creio haver em mim múltiplos eus, fragmentado ser coetâneo que sou, como posso plenamente existir se aquele eu visceral que mais em mim sente é incapaz de ser fotografado e narrativizado junto aos meus fragmentos? Quem é que pode querer encontrar esse pressuposto “eu” próprio, se não o próprio eu? E o que seria esse eu? O que em mim contempla a escuridão quando fecho os olhos e espero que uma força maior me auxilie a ser percebido pelo eu do outro, o qual definitivamente existe porque eu o vi?

Esse mês será, então, amarelo, e o seguinte, verde, e o próximo, marrom, de modo que a conscientização das doenças exista, afinal, o que mais, além da cor, parâmetro para o humano relacionado estritamente ao âmbito da visão, poderia melhor exemplificar a banalidade com que se transmite o *videor ergo sum*? A tatuagem e os simbolismos tribais gratuitamente apropriados; as inspirações da cultura pop no Oriente e em “subculturas”; o beletismo meritocrático dos jornais reacionários; os televangelistas; a pornografia; as orelhas de livro...

O termo “trincheira digital” ganha força na mesma medida em que a expressão “ok, boomer” desdenha

daqueles ainda não completamente assimilados ao *Zeitgeist*. Toda hesitação é dissidência, o ponderar é denotativo de má vontade — a assimilação deve ser instantânea, i-mediata. Tudo o que está entre você e o ideal que lhe vendo é equiparável à fissura ontológica entre você e eu — e devemos ser todos um, não cabem mais abismos no mundo.

Abismam-se, então, todos os fomentadores de narrativas de origem e de aprendizado humano; a história que movia o mundo capitalista do século 20, do fulaninho que catava lixo e virou dotô ou cientista de foguetes, começa a perder espaço para a narrativa do Alpha, daquele que é capaz de se otimizar ao ponto da desumanização, mais do que super-homem, máquina.

Toda a conturbada correnteza liricoargumentativa deste ensaio conflui à explicitação daquilo que mais concretamente percebo no mundo: com o domínio da imagem, as narrativas devêm mecanismos cada vez mais distantes do sentimento e mais próximos dos praquês mecanicistas. O que outrora poderia ser interpretado como inspiração, agora assume a forma de punição vexatória, um “veja só como até o catador de papéis conseguiu e você não, filha de um executivo, com possibilidade de estudos, mas incapaz de alcançar seu máximo potencial”. E é claro que não venho aqui em defesa das filhas acomodadas de executivos ou de filosoetas wannabe como eu: meramente apont que as histórias agora têm a função primordial de definir eus. Daí, a necessidade de identificação.

Caracterizar-se, portanto, deixa de ser ato político e social para devir ato mercantil. Eu sou a minha marca, meu maior produto e meu maior objetivo.

O mundo-eu no paradigma do *videor ergo sum* retroacontece a partir de mim e na minha direção. Ouroboros — invertido — contemporâneo, destituído da dimensão regenerativa da consciência para que entre em cena a recriação regurgitante de um eu sempiternamente desnutritivo. E, nesta micareta de serpentes que regurgitam o que lhes entra pelas caudas, não há mesmo como escutar a lamúria do homem que se pergunta: “como não há de me caber o eco de um eu, se coube um abismo em mim?”.



Julia Raiz

Poemas integrantes do livro P/ vc (Megamíni, 2019)

p/ v.

ontem no ônibus te vi
no assento pra cadeirantes me apaixonei
o cotovelo tatuado com bolas pequenas
grandes bolas
circulares como campos de força e a camiseta preta
que minha vó usou antes de partir eu mergulho
no seu lixo eu dou rasteiras na minha irmã
pelas melhores peças eu presumo eu predicto
talvez alguém com quem eu sonhe morra:
é preciso contar todos os detalhes todos os dias
anotá-los num caderno eu menti me perdoa
seu terço não veio abençoado por nada
mas disputando espaço com os chocolates
o shampoo para caspas
de cabeça senhor onde eu vou parar se nem
consigo passear com você mestre
sem botar fogo pelo caminho

p/ 1.

sabe que ontem
eu trepava com quem me ama
uma onda por cima de um terremoto

o que saía de mim era o som de um órgão
crispando no fogo

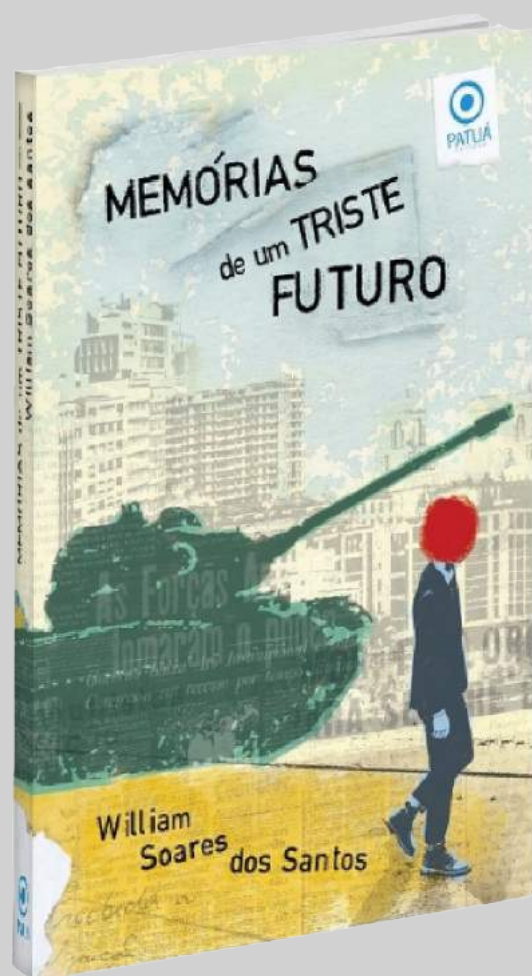
eu ri sem parar

queria acabar com vocês
um monstro de duas cabeças

comê-las como se louvasse a deus

esta é a primeira última página
a que me dedico a te enganar

agora só me resta deitar neste vão
não ter medo de que você pela rua
saia com a pele brilhando



Trecho de **O futuro vivido aqui e agora**

Por Krishnamurti Góes dos Anjos

O escabroso tema da ditadura militar no Brasil (1964–1985) tem voltado à pauta de nossos escritores, cada qual abordando-o sobre um enfoque. Há livros publicados recentemente que abordam o período pela ótica dos oprimidos, outros investigam a atuação da luta armada de reação ao regime militar, outros ainda devassam momentos nebulosos do Estado de exceção, e há ainda aqueles que o inserem como mero pano de fundo de situações existenciais vividas por protagonistas dentro daquela ambiência de opressão. Mas como foi acontecer tal monstruosidade? O que possibilitou uma coisa daquelas que até hoje germina frutos podres?

Memórias de um triste futuro, romance de William Soares dos Santos, que é professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro e escritor com vários livros publicados, é obra publicada recentemente pela editora Patuá. Lemos no texto da orelha da obra, assinado pelos editores, uma pista de como o autor arquitetou sua obra: “Através de um texto que se constitui por meio do alinhar de diferentes histórias de personagens sem nome, somos apresentados a situações de violência e desumanização perpetradas sob os auspícios do Estado, seja no contexto institucional, seja no ambiente restrito da família. Durante toda a narrativa, a violência é um moto sempre presente. Ela pode até ser elemento central nos porões da ditadura, mas se esparrama, também, no lar do dito cidadão de bem”.

Com efeito; a obra é dividida em 13 capítulos, cada qual estruturado de forma tal que pode ser lido em qualquer ordem que se queira – e isto é inclusive informado ao leitor na abertura da obra –, entretanto esta subversão do arcabouço formal do romance, não lhe tira um mérito inquestionável que a nosso ver, coloca a obra em um patamar de investigação e compreensão do “fenômeno” da ditadura militar poucas vezes alcançado em obras com esta temática. Antes façamos algumas considerações preliminares importantíssimas.

Somente a ignorância pura e simples de nosso passado, ou a conveniência ou mesmo a burrice agressiva pode conceber que os males que afetam o Brasil hoje seja obra exclusiva da ditadura militar. Por outro lado, não podemos negar também que, se algum mérito houve em tal regime, foi o de aglutinar e condensar em práticas instituídas legalmente, a intolerância, a violência, o embuste e a solidificação de interesses de grupos e não do coletivo. Ocorre uma complexidade maior em nossa história.

Memórias de um triste futuro

Romance de William Soares dos Santos

Editora Patuá – São Paulo – SP, 2020, 172 p.

ISBN: 978-85-8297-903-7



Os loucos da XV

André Corrêa

Nos intervalos da faculdade, também em algumas aulas, eu costumava andar pela XV. Gostava dos paralelepípedos pretos e brancos, dos senhores lendo jornais, da fumaça do café e do cigarro. A crescente agitação: cálida e silenciosa pela manhã, um convite à reflexão. Efervescente no almoço, pulsando conversas. De noite, misteriosa com os postes acesos. Recomendo ir de manhã.

Caminhei tanto que me diplomei. Aprendi os caminhos, descaminhos e no último ano a matéria mais interessante: os personagens, principalmente os loucos. Aqueles em que se acende a centelha da insanidade e o fogo irrompe de seus olhos, iluminados.

A paisagem dos loucos é múltipla. Tinha um pastor que subia num púlpito de madeira. Gritava o Velho Testamento e já pulava pro Apocalipse. O Juízo Final ali na Dr. Muricy. A Bíblia na mão como uma arma a desafiar os transeuntes. Prudente era correr pra Catedral se confessar. Também uns punks que moravam embaixo de uma marquise e não distinguia se eram punks ou moradores de rua. A diferença talvez era o colete de couro, umas botas gastas e uma arte em arame que ofereciam para financiar seu anarquismo de calçada.

Havia os artistas sem plateia. Para além do circuito mainstream do Plá, dos bolivianos de flauta e dos power trios, o underground: cegos de violão com uma corda, uma mulher que batia uma percussão simples e corajosos desafinados cantores à capela.

E tinha uma fora de qualquer categoria. De terno roto, sapato gasto e uma gravata grande, carregava uma mala de couro. Seria um executivo modesto se não fosse os olhos vazados de luz e o estranho hábito de só correr. Nunca o vi andando. Sempre em linha reta, tinha método na corrida. Um dia ele não corria. Como se tivesse chegado no destino e descansasse. Vinha na minha direção. Suspendi meus pensamentos e me fixei nele. Não sabia se deveria observá-lo ou desviar o olhar. Logo ele estava na minha frente e eu o olhei. E ele devolveu o olhar. Não digo que me cumprimentou, foi um gesto indefinido. Algum traço se moveu, talvez um leve arquear da sobrancelha. Mas eu causei alguma impressão e foi como se ele recuperasse uma lucidez e de louco se tornasse só um estranho.

Até hoje caminho na XV pra pensar. Às vezes com destino ou sem.

Só paro pra ir no psicólogo.



Rachel de Queiroz

Trecho da crônica “O Solitário”

Prometi outro dia vos contar a história de José Alexandre, o solitário do Junco. No sertão de vez em quando acontece aparecer alguém assim, inimigo do mundo e dos homens, que rodeia de cerca um pedaço de capoeira ou se afunda no cerrado da caatinga, e vive à moda de lobo solitário, sem amigos, sem amigos, sem mulher nem filho.

Zé Alexandre, que fora soldado na Guerra do Paraguai, escolheu e cercou a sua garra de chão em terras do Junco, no período de interregno entre um dono e outro, logo depois da morte do senhor velho. Quando o herdeiro menino se fez homem e tomou posse da fazenda, já achou o misantropo instalado e antigo do lugar, com suas cem braças em quadro de terras cercadas, roçado de milho, mandioca, feijão.